UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE ARTES

ISADORA DAHMEN CARBONERO

(ponto final).

SÃO PAULO - SP

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS DE SÃO PAULO - INSTITUTO DE ARTES

ISADORA DAHMEN CARBONERO

(ponto final).

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira

SÃO PAULO - SP

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp.
Dados fornecidos pelo autor.

C264p Carbonero, Isadora Dahmen, 1997-
(ponto final). / Isadora Dahmen Carbonero. - São Paulo, 2022.
30 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Arte e literatura. 2. Análise linguística (Linguística). 3. Semântica. I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 701.18

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

ISADORA DAHMEN CARBONERO

(ponto final).

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Aprovado em 16/12/2022

_____

Prof. Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira

_____

Fernanda Aiub Monteiro

Em memória do Prof. Dr. Agnaldo Valente Germano da Silva.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões acerca da ideia de conclusão atrelada aos conceitos de perfeição e o que vem a ser *perfectu*. Através de uma construção de texto não-convencional, este ensaio traz a discussão linguística, se valendo de exemplos buscados na arte contemporânea e na história da arte, quanto ao que significa concluir algo e como o parâmetro de perfeito é de pouca confiabilidade, visto que as definições da língua estão sujeitas a ação do tempo e às distorções da mente humana.

Palavras-chave: Semântica. Perfeição. Conclusão.

ABSTRACT

This work's main goal is to present reflections about the idea of conclusion linked to the concepts of perfection and the thought of what is *perfectu*. Through an unconventional text construction, this essay brings a linguistic discussion, using examples sought in contemporary art and art history, as to what it means to conclude something and how the parameter of perfection is of little reliability, since the definitions of the language are subjected to the actions of time and the distortions of the human mind.

Keywords: Semantics. Perfection. Conclusion.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 **12**

FIGURA 2 **13**

FIGURA 3 **14**

FIGURA 4 **15**

FIGURA 5 **16**

FIGURA 6 **20**

FIGURA 7 **21**

FIGURA 8 **22**

FIGURA 9 **23**

FIGURA 10 **24**

FIGURA 11 **25**

FIGURA 12 **26**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**

1 RAZÕES **12**

2 EMOÇÕES **13**

3 A SAÍDA **19**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **28**

REFERÊNCIAS **29**

INTRODUÇÃO

> *People will do anything, no matter how absurd, in order to avoid facing their own souls.* (JUNG, 1980, p. 125)

Eu. Eu sou "*people*". Durante os dois (!!) anos que englobam a produção deste TCC, eu encontrei as maneiras mais estapafúrdias de postergá-lo: ignorar sua existência na esperança de culminar em seu desaparecimento; fingir que estava presa em uma espécie de "dia da marmota" e que tinha tempo o suficiente para evitá-lo (note que eu escrevi EVITAR, e não FAZER O TCC); amaldiçoar a necessidade do "academiquês" numa universidade onde você pode, literalmente, andar pelado pelos corredores da instituição e receber um dez por isso. No pico da ignorância de minhas funções, estava decidida a assumir ares de jovem místico e tentei projetar minha existência em um plano astral de realidade desejada onde meu TCC já estivesse pronto para que eu, deste modo, pudesse plagiar a mim mesma em outra dimensão.

Contudo, delongar uma experiência, independente das circunstâncias, não resulta em sua obliteração. Céus, se meu trabalho é sobre conclusão, uma hora eu teria de concluí-lo, certo? É como diz MGMT em *Little Dark Age* (VANWYNGARDEN; GOLDWASSEN, 2017): "Só saiba que se você se esconder, isso não vai embora"... Exceto que no caso deles isso é uma convocação para a resistência perante um cenário político distópico enquanto, na minha atual situação, se eu me esconder por tempo suficiente eu vou ser jubilada.

Bom, agora é hora. Quanto mais você ignora seus demônios, maiores eles voltam para te assombrar. Se você está lendo isso, acredito que eu já tenha me formado e conseguido o título de mais nova bacharel ("bacharela" é muito feio. "Bacharela" me lembra Barbarella (1968) e maiôs prateados no espaço) em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp, título que veio de muita luta, muita autenticidade e, claro, muito contragosto em dar o braço a torcer e fazer de mim mesma o dicionário de academiquês-português. A partir de agora, é (quase) tudo linguagem de universitário. Vejo você mais pra frente aqui neste texto. Ou não.

1 RAZÕES

Afinal, o que levou “(ponto final).” a receber este nome?

Em uma das minhas incontáveis sessões de descarrego verbal com pessoas próximas, eu frisei veementemente meu desejo em fazer uma performance para meu TCC que consistia apenas em entregar uma folha quase toda em branco, exceto pelo ponto final impresso no meio dela. Sem texto, sem explicação, apenas o ponto. Esse era meu jeito de pôr fim ao exaustivo rito de passagem que marca a transição de ser universitário para se tornar desempregado, esse era meu jeito de expressar que tudo havia acabado: a graduação, um ciclo da vida, uma história, minha energia. De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, temos:

> ***pon·to fi·nal***
>
> Sinal ortográfico de pontuação (.) utilizado no final de uma frase declarativa, podendo corresponder na leitura oral a uma pausa longa;
> Conclusão, encerramento ou recusa de algo (ex.: pôr um ponto final na discussão). (PRIBERAM, 2022)

Então, “ponto final”, como era de se esperar, cumpre a função incumbida pelo dicionário. Porém, mais do que as letras presentes no título, as pontuações trazem o real *frisson* de conceito. “Ponto final” não começa e acaba em si próprio, há a presença de parênteses; que são os protagonistas em uma espécie de “plano infalível” para conseguir o que eu queria desde o início. Novamente, do dicionário:

> ***pa·rên·te·se***
>
> LINGUAGEM: Palavra ou frase intercalada num texto para introduzir uma reflexão incidental, considerada menos importante, sem modificar a estrutura sintática do texto. (MICHAELIS, 2022)

Ao ser colocado dentro de um parêntese, “(ponto final).” adquire o status de reflexão menos importante, cuja presença (ou ausência) não modifica a estrutura da frase podendo, desta forma, ser ignorado ou adicionado ao gosto de quem lê. Seja expressão ou apenas “**.**”.

2 EMOÇÕES

As relações complexas de conclusão estão muitas vezes atreladas a algo que foi feito, um produto que chegou ao seu estado de completude. Desta maneira, a ideia geral que se tem de concluir está intimamente relacionada ao conceito de perfeição em sua etimologia: do latim, *perfectu* é a junção de *per-* (completamente) e *facere* (fazer, levar a efeito). Contudo, se a ideia de perfeição foi deturpada pelo imaginário popular e se alinhou ao ideal daquilo que não apresenta defeitos, o ato de concluir foi tomado e deformado pela constante ansiedade e inquietude da mente humana, carregada pela ânsia de não apenas apresentar algo feito, mas sim apresentar algo cujas falhas foram aniquiladas.

Embora eu apresente esta distorção de ideias com um ar impessoal, foi justamente a necessidade de uma conclusão perfeita e ansiosa que me levou a evitar a produção e, posteriormente, a entrega deste trabalho. Meu receio não era a finalização deste TCC, mas sim a finalização isenta de toda e qualquer mácula. A ideia de apresentar algo que não fosse o melhor me assustava mais do que apenas falhar porque, para mim, qualquer coisa que não fosse o máximo era o fracasso.

As deformidades de interpretação entre algo perfeito, imperfeito e concluído também distorcem o nosso julgamento visual acerca de obras plásticas. Um projeto que me chamou bastante a atenção durante a escrita deste TCC foi o Concurso de Mickey Feio (mais comumente conhecido pela *hashtag* #mickeyfeio).

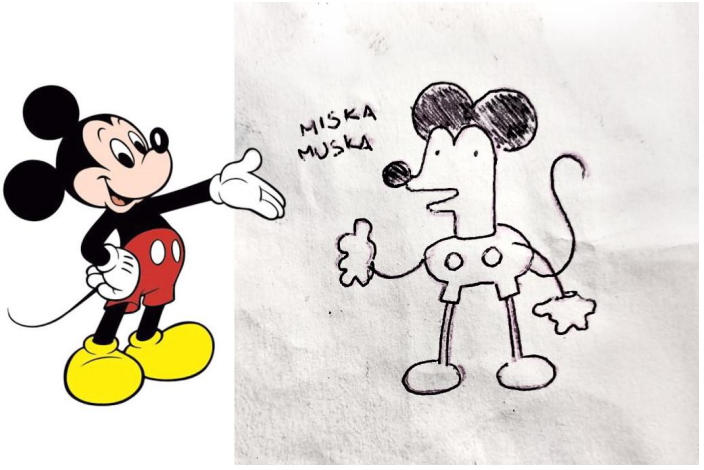

Figura 1 - Exemplo de Mickey Feio (direita) providenciado pela autora ao lado de uma representação mais comum do Mickey Mouse[1].

[1] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/30/cultura/1459349756_953576.html. Acesso em 4 set. 2022.

De acordo com a equipe que assumiu o legado deste concurso, este é o único evento existente que valoriza a falta de habilidade dos participantes, sendo supostamente um espaço de destaque para pessoas completamente inaptas para o desenho, como exemplificado na Figura 2. Desta forma, o propósito a ele incumbido é a compilação dos cem Mickeys “mais grotescos, escrotos, criativos, mal feitos [sic] e mal diagramados” (MARCELO; TORRES, 2019) em uma publicação digital anual para o deleite (ou desgosto) do espectador médio.

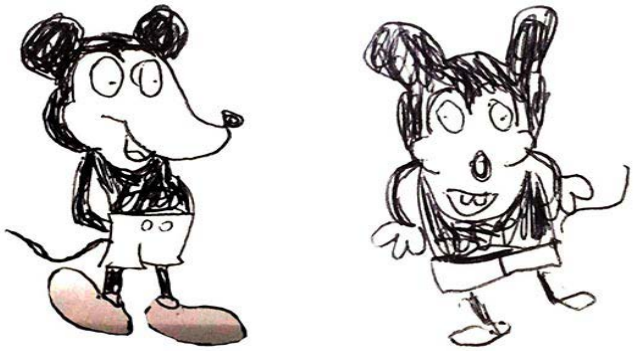

Figura 2 - Submissão de “Mickey Feio” de Rafaela Casado presente na publicação de Mickey Feio, 2019.

O Mickey Feio é uma catarse, um expurgo. Ele é a perversão de uma lenda, um ícone deixado à mercê dos iconoclastas, o retrato cru de um momento histórico. Por mais ridículas e viscerais que algumas ilustrações possam ser, muitas vezes elas registram o que há de mais puro no desespero de estar vivo no ponto alto do fundo do poço da sociedade contemporânea. Embora o concurso seja uma espécie de piada, algo que se vale principalmente da inabilidade dos participantes, ele possui uma profundidade muito maior do que aparenta inicialmente. Desta forma, ao analisar as ilustrações selecionadas, me surgiu o questionamento: isto que está diante de mim é completo. Mas é perfeito?

Se formos analisar pelo viés moralista, não: o Mickey feio é imperfeito. Sua aparência é desagradável e isso é o suficiente para colocar todas as produções inscritas nesta competição em um rol de coisas que necessitam ser despidas de seus defeitos. A feiúra destas criações, embora intencional, é uma falha e, ao perguntarmos para o observador comum, não nos resta dúvidas de que ele admitiria enxergar a necessidade de conserto destas imagens.

No entanto, se a finalidade é desenvolver algo que seja feio, então o que antes era uma falha passa a ser pré-requisito? Mais do que isso, se a perfeição latina é aquilo que está completo, estes Mickeys são todos perfeitos? Esta dualidade de interpretações ocorre devido a alteração de juízo de valores entre diferentes contextos histórico-culturais. Segundo a visão de Benedictus de Spinoza, como apontado por José Fernando da Silva (2015):

> A metafísica judaico-cristã e também a tradição platônica (penso em Platão, mas em especial na tradição neoplatônica) conceberam a **perfeição como sinônimo de idealização,** na medida em que se delineia como algo que subsiste distante da realidade material. [...] essa visão apenas expressa **a tendência humana em estabelecer arbitrariamente modelos universais que prescrevem fins aos homens e à Natureza.** Cegos e movidos por superstições e enganos, os homens desconhecem que a Natureza não age em função de fins, e que o termo "perfeição" apenas designa algo universal de um ponto [de] vista funcional e relativo. (p.14-15, grifo do autor)

Imersos nessa relatividade, os sentidos de perfeito e completo ora se distanciam, ora se alinham, dependendo principalmente do contexto em que são inseridos e da corrente filosófica que os norteia. Um exemplo pertinente desta dicotomia é a relação com a representação do corpo nas esculturas gregas em momentos históricos distintos: artistas renascentistas prezavam pela integridade da forma humana em detrimento da autenticidade, ao passo que classicistas do século XVIII tinham o corpo incompleto como algo aprazível e respeitável. Essa colocação se torna ainda mais interessante ao partirmos do ponto que, embora ambos dedicassem seus estudos ao clássico, suas experiências estéticas são polarmente opostas. (ZIM, 2019)

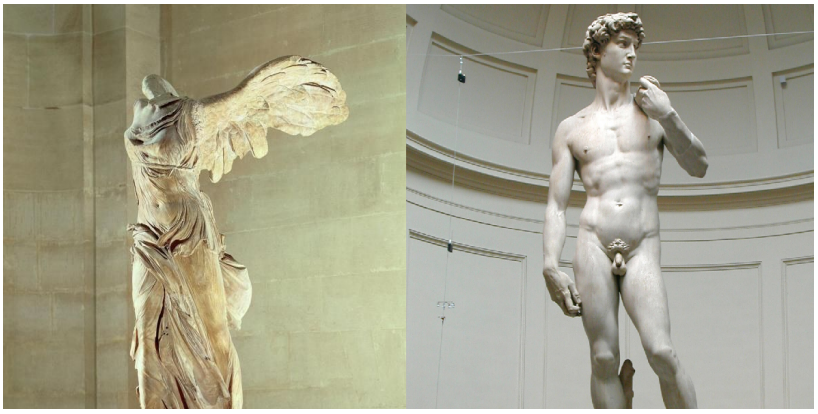

Figura 3 - Comparação lado a lado entre uma estátua clássica[2] (esq.) e uma estátua renascentista[3] (dir.).

[2] Vitória de Samotrácia, 323 AC-30 DC, Museu do Louvre, Paris. Foto por Shonagon. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Victoire_de_Samothrace_-_Musee_du_Louvre_-_20190812.jpg.
[3] David de Michelangelo, 1501-1504, Galleria dell'Accademia, Florença. Foto por Jörg Bittner Unna. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:%27David%27_by_Michelangelo_Fir_JBU004.jpg

Ainda cerceando os campos a respeito daquilo que rodeia o perfeito e o completo, o passado nunca cessa em nos agraciar com bons exemplos. Se alguém da era medieval fosse transportado para o aqui e agora e perguntasse se você gostaria de ver uma imagem do famoso *baby Jesus*™, não caia nessa. É uma cilada e você provavelmente foi arrastado para a maracutaia do ***bebê homem velho***.

Figura 4 - *Madonna delle Vergini*[4] ou Ícone de Bitonto (detalhe), 1304, Hulton Fine Art Collection

Que imagem horrenda, não é? Estes artistas medievais não faziam ideia do que eles estavam fazendo, certo? Errado! Os bebês neste período eram pintados desta forma para representar Jesus de maneira acurada, que na época acreditava-se ter nascido inteiramente formado: a isso chamamos homúnculo (do latim: pequeno homem). Se Jesus era perfeito, segundo a mitologia cristã, então era mais do que justificável que ele tivesse nascido completamente finalizado, *perfectu*, como se fosse um adulto. (WHY…, 2015)

---

[4] Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/italy-puglia-bari-pinacoteca-provinciale-corrado-foto-jornal%C3%ADstica/187388764>

Com certeza a aparência desses nenéns de meia-idade não é a mais agradável de todas, na verdade chega a ser perturbadora. Inclusive, se você olhar para qualquer um deles por mais de cinco minutos é possível ouvi-los reclamar de dor no ciático. E olhe só que curioso, estas imagens hoje em dia viraram memes e ocupam o mesmo espaço virtual que Mickeys deformados: afinal, a ideia de perfeição parece mudar com o passar do tempo e não é um parâmetro medidor de qualidade tão preciso.

Ainda no assunto de infantes que mais parecem um maracujá de gaveta, acredito que esta seja a melhor colocação de perfeito *versus* completo que temos aqui. Essas imagens foram muito comuns até a chegada da Renascença, quando pintores passaram a representar os bebês como, bom, bebês.

Figura 5 - Uma representação tipicamente medieval de Maria com Jesus[5] (esq.) e uma pintura renascentista de mesmo tema[6] (dir.)

A mudança não foi instantânea, mas depois de um tempo já era a norma nas representações plásticas e isso ocorreu devido a um número de razões: com a

[5] Madona com Menino e dois anjos, 1280, de Duccio di Buoninsegna, Museo dell'Opera del Duomo, Siena. Disponível em: <https://www.wga.hu/frames-e.html?/html/d/duccio/various/2crevola.html>
[6] Madonna del Granduca, 1506-1505, de Raphael, Palazzo Pitti, Florença. Disponivel em:<https://www.uffizi.it/en/artworks/madonna-del-granduca>

Renascença, Igrejas já não eram mais as únicas detentoras de riquezas e outras pessoas “bem de vida” poderiam pagar artistas para pintar suas crianças. Desta forma, surge um desejo por parte de burgueses ricos de terem seus filhos representados como bebês rechonchudos e adoráveis, não como mini adultos. Além disso, a Renascença tende a olhar muito para a arte grega e romana, lembrada por trabalhar com a idealização da forma humana, de modo que o modelo medieval foi logo descartado. (WHY…, 2015)

De certa forma, eu enxergo o meu trabalho como um Mickey Feio: não é o que você espera de um TCC “normal” e pode causar um estranhamento e até uma certa repulsa se você se preparar para lê-lo com a expectativa do convencional. Porém, no quesito de cumprir a função que lhe foi atribuída e passar a mensagem central, ele se encaixa nesse contexto específico. Ele também pode ser um bebê feio medieval: totalmente disforme e parecer um erro se analisado superficialmente, mas faz sentido no que tem de fazer.

3 A SAÍDA

Durante a produção deste trabalho, optei por estruturar os capítulos a partir da cisão de um trecho da música “Razões e Emoções”:

> “Entre razões e emoções/ A saída/ É fazer valer a pena” (NX ZERO, 2006)

Além da tentativa de atingir o cômico com um paralelo entre o universo acadêmico e a música emo dos anos 2000, o uso desta divisão também me ajudou muito a organizar as ideias, conceitos e reflexões aqui presentes:

- *Razões* é o capítulo reservado a parte mais concisa e direta; é nele que se encontra a explicação no que diz respeito à escolha do título, questões linguísticas e a relação gráfica entre texto e pontuação, visto que esta produção se vale tanto da parte visual quanto de seu conteúdo escrito;
- *Emoções* traz consigo todas as questões subjetivas e opiniões pessoais acerca do tema que escolhi tratar. O estilo de linguagem busca representar uma fusão entre narrativo e acadêmico, além de ser a seção responsável por levantar as principais reflexões do mote deste trabalho e abrir novos caminhos para a discussão, além de ilustrar o cerne daquilo que é representado;
- *A saída* é onde estamos agora. Em adição a cumprir o papel de conter as considerações finais, essa parte dobra como um resquício de desenvolvimento: tudo aquilo que precisava ser dito mas foi jogado para os quarenta e cinco do segundo tempo e precisou ser encaixado às pressas reside aqui.

Agora que chegamos ao final desta etapa, só nos resta fazer valer a pena. Quanto mais avançava na escrita deste TCC, mais me desprendia da expectativa do perfeito para me alinhar com *perfectu*. Acredito que parte disso venha do cansaço e da necessidade de conclusão advindos do processo custoso que foi produzir um trabalho deste tipo, somado ao processo de reflexão que acompanha o exercício de tratar sobre um tema tão complexo.

Tudo aqui escrito está sujeito à ação do tempo e ao julgamento de terceiros, tal qual quaisquer produções artísticas existentes. A busca por fazer algo atemporal e

impassível de falhas não só é inútil como também seria hipócrita, dado o assunto tratado neste texto. Independente das opiniões vindas de diversos leitores que possam ter contato com o que escrevi, “(ponto final).” se garante na sua premissa.

Desta forma, para ilustrar o que foi feito optei por ressignificar uma fotoperformance feita por mim em 2019, cujas fotos tratam originalmente da minha relação com meu próprio vazio e uma jornada de rejeição, aceitação e coexistência. Quando revi as imagens, me dei conta de que a tela utilizada se assemelha a um grande “ponto final” e optei por utilizá-las aqui.

Figura 6 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

Figura 7 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

Figura 8 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

Figura 9 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

Figura 10 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

Figura 11 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

Figura 12 - Fotografia parte da série *The Void*, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ressignificação desta série de fotos, tanto quanto as outras referências visuais aqui colocadas, não consegue sintetizar a complexidade que é a conclusão de algo, dado que o simples fato de encerrá-lo envolve uma ampla gama de questões. Se tudo aquilo que produzimos, consumimos e assimilamos em nosso repertório está sujeito a constante (re)avaliação por parte de nós mesmos e de terceiros, pode-se afirmar que nada está de fato concluído ou *perfectu*. Tudo (ou quase tudo) estará sujeito às vias da fluidez da percepção humana.

Se nada acaba e o perfeito não existe, qual a importância deste trabalho? Ora, ele cumpre a função de TCC de estimular a curiosidade e o ímpeto interrogador do acadêmico. Ao idealizar, escrever e finalizar este projeto eu entro em acordo com os artigos 3º e 8º, que visam o pleno desenvolvimento do potencial criativo e a reflexão escrita sobre o desenvolvimento de trabalho, respectivamente. Ainda no checklist das obrigações acadêmicas, "**(ponto final).”** também cumpre a necessidade de uma exposição em espaço público (em acordo, também, com o artigo 8º): além das imagens estarem disponíveis em meu *Instagram* artístico, a defesa será (ou foi, depende de quando isto foi lido) transmitida ao vivo pela minha conta na *Twitch*.

Nada que está aqui escrito é definitivo e essa, para mim, é a parte mais interessante deste ensaio: embora seja sobre conclusão, ele abarca a ironia de que nada está de fato final. Ademais, uma de minhas vontades ao escrever partiu do pensamento sobre fazer um trabalho simples e descomplicado, de modo a possivelmente acalmar os universitários que estão por vir e mostrar que a conclusão de curso em Artes Visuais não é derradeira e não demanda grandes esforços nunca antes vistos pela academia.

Então é isso. Acabou. Este texto foi idealizado, rascunhado, corrigido, passado a limpo, ilustrado e agora estamos aqui. "**(ponto final).”** está pronto, afinal.

REFERÊNCIAS

CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 16 de janeiro de 2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Educação, 2009. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf> Acesso em: 30 jul. 2022.

FACĬO, -is, -ĕre, fēcī, fāctum . In: **DICIONÁRIO Escolar Latino-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, 385. 718 p. Disponível em:<https://www.dicionariolatino.com/> Acesso em: 30 jul. 2022.

FERRERO, Di, ROCHA, Gee. **Razões e Emoções**. In: Nx Zero. Nx Zero. São Paulo: Universal Music Group, 2006. 1 CD, faixa 3.

GOLDWASSER, Benjamin; VANWYNGARDEN, Andrew. **Little Dark Age**. In: Little Dark Age. MGMT. Los Angeles: Columbia Records, 2017. 1 CD, faixa 2.

JUNG, Carl Gustav. **Psychology And Alchemy**. ed. 2, v. 12, New York: Princeton University Press, 1980. Disponível em: <https://archive.org/details/c.-g.-jung-collected-works-volume-12-psychology-and-alchemy/page/n3/mode/2up> Acesso em: 15 jul. 2022.

MARCELO, Stuart; TORRES, Cecília. **Mickey Feio 2019.** 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1SZYIxP7urx2q-QiToTmA3BfZDReoxkir/view?usp=sharing> Acesso em: 30 jul. 2022.

PARÊNTESE. In: **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=laZWa> Acesso em: 29 jul. 2022.

PER provérbio. In: **DICIONÁRIO Escolar Latino-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, 1962. 718 p. Disponível em:<https://www.dicionariolatino.com/> Acesso em: 30 jul. 2022.

PERFECTĬŌ, -ōnis. In: **DICIONÁRIO Escolar Latino-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação, 385. 725 p. Disponível em:<https://www.dicionariolatino.com/> Acesso em: 30 jul. 2022.

PONTO final. In: **DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ponto%20final> Acesso em: 29 jul. 2022.

SILVA, José Fernando da. **Liberdade como expressão de perfeição em Spinoza**. Cadernos Espinosanos: Estudos sobre o século XVII, São Paulo, n.32, p. 99-115, jan./jun. 2015. Disponível em:<https://www.revistas.usp.br/espinosanos/issue/view/7772 > Acesso em: 30 jul. 2022.

WHY babies in medieval paintings look like ugly old men. CASWELL, Estelle; EDWARDS, Phil. Estados Unidos: VOX, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xFcF_qfLHeQ&ab_channel=Vox> Acesso em: 30 jul. 2022.

ZIM, Aline Stefânia. **Face obscura da beleza.** Revista estética e semiótica, Brasília, vol. 9, n. 1, p.33-40, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/26914> Acesso em: 30 jul. 2022.